

### **Telenovela, migração e mutação em diálogo com Martin-Barbero**

Transcrição, tradução e notas de Rita Ribes Pereira.

Os intelectuais têm preconceito com a telenovela. (...) Tratam como se fosse uma frivolidade. (...) Mas é estratégico pensar a produção ficcional televisiva, sobretudo do ponto de vista da migração – física e cultural – e da mutação da telenovela. Os migrantes hoje não são só os milhões de latino-americanos fora de nossos países, mas são também os milhões de pobres, sobretudo, latino-americanos, que migram mentalmente [dos Estados Unidos ou da Europa para seus países de origem, pelas telenovelas]. Há muito tempo ouvi de um migrante que “cabe mais colombiano na telenovela que no noticiário”.

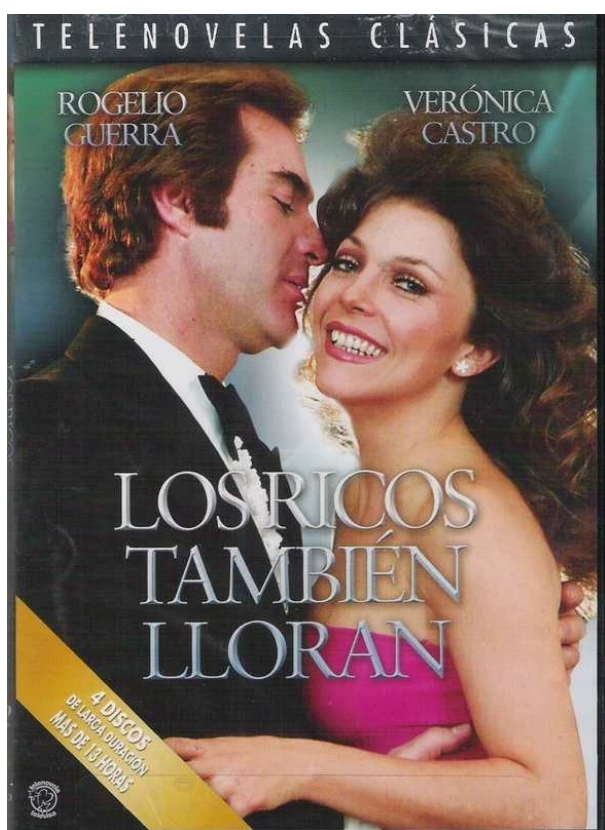


Nos anos 70 Margaret Mead já escrevia que “a experiência dos pobres não cabe na seqüência linear da palavra impressa”. Não uma psicóloga, uma antropóloga. Não se está desprestigiando o livro, mas estamos acreditando que o livro vai nos salvar. (...) Este país – como qualquer um dos nossos [latino-americanos] – foi educado por uma religião de livros que proibia ler os livros. Os intelectuais modernos seguem dizendo que livros nos salvam. Que livros? Quais livros? Que livros nos salvam? Depende de como se lê. Sobretudo, depende de quem os escreve.

A cultura letrada é a mesma que afastou os pobres dos livros. (...) Em nossos países, para a maioria, sua cultura cotidiana é oral,

audiovisual, gestual e sonora. Não é letra. Para o bem e para o mal. A televisão tem aí um papel estratégico. Nesse sentido, a cidadania tem que ser incorporada ao consumo, em termos de formação de público.

Uma imagem da internacionalização da América Latina no mundo capitalista globalizado é a circulação de suas novelas. Nessa circulação está em jogo a construção do nacional. Construindo a telenovela nacional, que agarra no cotidiano, que agarra no real, construímos a telenovela latino-americana. Na diversidade de nossos países, profundamente heterogêneos, ricamente heterogêneos, construímos uma identidade plural.



Do Brasil, exportamos *Escrava Isaura*, que foi prêmio nacional, melhor obra cultural na Polônia – socialista real. Vejam bem, *Escrava Isaura*, foi a melhor importação cultural da Polônia. *Os Ricos Também Choram* também se transformou em um fenômeno tão grande na Rússia, que se transformou em uma novela escrita em Russo. É preciso entender a transnacionalização que envolve a exportação da telenovela, que hoje é vista por todas as classes sociais.

*Beth, a feia*, é re-escrita e re-inventada na Alemanha. No espanhol da Espanha. No inglês dos Estados Unidos. Isso é outra coisa. Trata-se de um fenômeno novo, que não se pode entender com nossas categorias anteriores. Isso não é um *remake*, é outra coisa. O que se passa, quando os alemães, quem iria pensar, que são de um pólo cultural distinto da América Latina, fazem, em alemão, com atores alemães, e adaptando situações, uma *Beth, a feia* alemã? Isso reposiciona a investigação da telenovela(1).

Eu penso que é preciso criar estratégias para formar públicos [para a televisão e para a telenovela]. Necessitamos de uma televisão que realmente transforme. O público é capaz de resgatar programas, de criar debates nacionais. (...) Precisamos também de políticas estratégicas de educação. E nós precisamos ser capazes para que nossas investigações incidam na formação do público. Isso a longo prazo, não é para amanhã, mas é preciso construir o futuro.

(1) A novela *Escrava Isaura*, produzida pela Rede Globo, em 1976, foi vendida para 79 países. A nova versão, produzida pela Rede Record, em 2004, no ano de 2006 já havia sido exportada para 18 países (Estado de São Paulo, 22/10/2006). *Betty, a Feia* foi vendida para 76 países e já ganhou pelo menos 15 versões. (Folha de São Paulo, 22/06/2008)

## **REFERÊNCIAS**

– Este texto é composto por fragmentos da apresentação feita por Martin-Barbero, pesquisador da Universidad Javeriana – Bogotá, no *IV Seminário Internacional Obitel - Mercados Globais, Histórias Nacionais*.